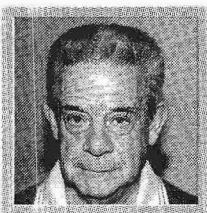


## PIONEIROS



*Juarez de Paiva Brito*

# Antes da inauguração, trabalho feito à distância

Arquivo Público



**NA FILIAL DA CASA PLANETA, NA ASA NORTE, JUAREZ COMEÇOU A VIDA COM A FAMÍLIA, EM BRASÍLIA**

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O trabalho deste pioneiro em prol da construção da nova capital do país começou cedo e a quilômetros daqui. Foi por meio do comércio de máquinas e ferragens, na Casa Planeta, em Belo Horizonte, que Juarez de Paiva Brito conheceu Brasília. A mudança de emprego — antes ele trabalhava numa padaria com a tia e fora convidado pelos fregueses a trabalhar como comerciante no setor de construção — praticamente mudou sua vida.

Os pedidos de material da Casa Planeta — filial em Brasília — para as construções chegavam a toda hora na matriz em BH. A pressa em entregar a tempo a nova sede do governo brasileiro mudava até o ritmo de trabalho no aeroporto da capital mineira. “O Luizinho (funcionário da loja) uma vez saiu correndo com uma bomba hidráulica na mão e parou o avião no pátio que vinha para Brasília”, lembra Juarez.

Por várias vezes o mineiro de Moeda colocou o pé na estrada para abastecer a filial. A primeira vez que ele pisou no cerrado foi em 1958, onde ficou uns quinze dias. A segunda vez em 1959. O vai-e-vem constante ficou gravado na memória do comerciante que não media esforços para entregar as mercadorias na futura capital federal. E não era por menos. Cada viagem era uma

aventura. Com a mesma alegria e disposição daqueles tempos ele conta como era difícil a viagem até Brasília. “Não tinha rodovia direito naquela época e numa dessas viagens em que tive de trazer parafusos, daqueles grandes, o carro de tão pesado, furou os pneus três vezes. Eu me lembro como se fosse hoje por causa do trabalho que esses parafusos me deram. Eles (os para-

fusos) não me mataram porque Deus não quis”, conta o pioneiro que teve de retirar o banco traseiro do jeep para encaixar os tais parafusos.

## Filial

A mudança para Brasília só veio a acontecer no início de 1960, quando foi convidado a trabalhar na filial que funcionava na Avenida Central, ao lado da rodoviária,

no Núcleo Bandeirante. “O sujeito quando chegava aqui não acreditava muito nisso aqui não, mas quando via a empolgação do povo, aquele trabalho todo, aí mudava de opinião”, garante.

O esforço dos milhares de candangos, o sentimento de igualdade entre os moradores, os alto-falantes da Cidade Livre e o ritmo alucinante de trabalho impressionaram Juarez. “Só víamos can-

teiros de obras por todo lado. Os geradores então, que levavam luz até as construções eram cada um maior que o outro. Todo mundo trabalhava com muita alegria de domingo a domingo. Nossa maior diversão era trabalhar”, afirma o pioneiro.

Foi num dos cômodos da loja onde trabalhava que ele improvisou sua moradia. “A loja de materiais de construção era como as outras residências da época, toda em madeira”, explica. Na frente do barraco funcionava o comércio e nos fundos se acomodavam umas seis pessoas, pelas contas do comerciante.

A poeira chegou a assustar o maior vendedor de betoneiras da região, mas não tirou o ânimo. “Quando a gente passava por um outro carro éramos obrigados a parar, pois ficávamos sem visão nenhuma da estrada. Era tanta poeira que a gente até mudava de cor”.

Além de trabalhar na loja, onde era sócio, Juarez também fazia visitas às construtoras. “Até a lona para o vigia da construtora responsável pela obra da Universidade de Brasília eu levava”. O comerciante conta que eram tantos pedidos de material e betoneiras que só não vendia mais porque não tinha. “A região naquela época não tinha nada e tudo tinha que vir de fora. Era tudo muito difícil”.

Nem a fome era capaz de interromper o trabalho do mineiro



## PIONEIROS

De Belo Horizonte, o pioneiro já ajudava a consolidação da nova capital como fornecedor de material de construção. Em 1960, mudou-se para a cidade e ficou



FOI NA CIDADE QUE JUAREZ CRIOU OS FILHOS E ACOMPANHA O CRESCIMENTO DOS NETOS

que muitas vezes ficava sem almoço para terminar o serviço. “Me lembro que um dia eu e um colega trabalhamos até as quatro da tarde sem parar na colocação de alguns parafusos e só depois que um deles (parafusos) quase acertou meu olho é que resolvemos parar”, lembra o pioneiro que por pouco não ficou cego.

Nas horas de folga, Juarez batia uma bola com os amigos. “Eu sempre fui metido a jogador de futebol e aqui também não tinha muita diversão. A televisão quase sempre saía do ar”.

Sempre de bem com a vida, o mineiro conta que tudo aqui era muito rápido naquela época. Até os casórios. “Em menos de um ano eu conheci a Lúcia, namoramos, noivamos e casamos”. A união aconteceu três anos depois de sua chegada em Brasília. Como sua esposa também era de Belo Horizonte, resolveram fazer a cerimônia lá mesmo.

De volta ao Planalto e a convite

“**TODO MUNDO TRABALHAVA COM MUITA ALEGRIA DE DOMINGO A DOMINGO. NOSSA MAIOR DIVERSÃO ERA TRABALHAR**”

do sogro, Juarez se mudou com a mulher para a W3 Sul, até a nova sede da Casa Planeta ficar pronta.

Concluída a obra o casal se mudou para a Asa Norte, que, segundo o pioneiro, era só mato na região. “O Jânio Quadros queria a todo custo levar o pessoal para a Asa Norte, que naquela época não tinha uma casa”. A administração da Cidade Livre tirava as tábuas e as telhas dos barracos para serem reaproveitadas nas novas construções. “Mas no fundo eu acho que era para o pessoal não voltar mais para o Núcleo Bandeirante”, comenta.

### Susto

A Asa Norte aos poucos foi crescendo e ganhando ares de um grande centro comercial. Ao lado da loja de material de construção, onde Juarez trabalhava e morava com a família, foram surgindo os mais variados tipos de negócios como oficinas, agências de veículos, bancos e outros.

Foi no novo endereço que o pioneiro viveu um dos piores dias de sua vida. Vítima de um

assalto à mão armada, levou um tiro de raspão na perna que o deixou internado mais de uma semana no hospital. “O sujeito entrou na loja anunciando assalto e pedindo a chave do cofre”, conta Juarez sem entender até hoje o porquê do assalto. “Não entendi por que aquilo aconteceu. Naquela época não existia violência, nem furtos, as mercadorias dormiam do lado de fora sem problemas. Todo mundo confiava no outro. Não havia ambição. Todos tinham trabalho. Se o cimento de uma obra acabava, a gente pegava emprestado com o outro”.

Aos 72 anos de idade, a disposição do avô para o trabalho ainda é a mesma. “Levanto todos os dias às quatro da manhã, preparo o café lá em casa, faço 40 minutos de esteira, tomo banho e vou para o trabalho”, afirma. Antes de começar a nova jornada ele toma outro cafezinho, que ele mesmo prepara lá na loja.

## Raio X

**Nome:** Juarez de Paiva Brito  
**Idade:** 72 anos  
**Origem:** Moeda, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** Esteve aqui em 1958 e 1959 e se mudou em definitivo em 1960  
**Profissão:** Comerciante  
**Estado civil:** Casado  
**Esposa:** Lúcia Marina Raso de Paiva  
**Filhos:** Luiz Roberto, Judith, Gilberto, Marcelo, Juarez e Luciana  
**Netas:** Bianca e Laura